



## **Do inferno ao paraíso: narrativas sobre a Amazônia brasileira**

**Francielle Maria Modesto Mendes<sup>1</sup>**  
**Francisco Aquinei Timóteo Queirós<sup>2</sup>**

**Resumo:** O artigo propõe um debate sobre as representações e o imaginário da Amazônia brasileira. Sabe-se que desde a chegada dos primeiros europeus, a região é observada pela dicotomia inferno/paraíso tropical e as populações são identificadas como exóticas e pitorescas. Essas abordagens fazem com que o discurso construído, ao longo dos séculos, seja de população homogênea e estereotipada. Nesse contexto, as narrativas jornalísticas ajudam na manutenção dos pré-conceitos. O objetivo é problematizar a partir de informações publicadas em veículos de comunicação, a Amazônia como o oriente brasileiro, lugar tratado com inferioridade e subalternidade a culturas tidas dominantes. Para isso, faz-se uso dos conceitos de Edward Said, bem como de outros autores que discorrem sobre a região amazônica.

**Palavras-chave:** Amazônia; orientalismo; representações; imaginário.

**Abstract:** The article presents a discussion on the representations and imagery in the Brazilian Amazon. It is known that since the arrival of the first Europeans, the region is observed by the dichotomy Hell / tropical paradise and populations are identified as exotic and picturesque. These approaches make the built over the centuries, discourse is stereotypical and homogeneous population. In this context, journalistic narratives help in maintaining the preconceptions. The intention is to discuss from information published in the media, like the Brazilian Amazonia east, treated with inferiority and subordination place the dominant cultures taken. For this, use is made of the concepts of Edward Said, as well as other authors who talk about the Amazon region.

---

<sup>1</sup> Francielle Maria Modesto Mendes – Universidade Federal do Acre (UFAC) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Rio Branco, Acre – Brasil – CEP: 69.920-900 – Email: [franciellemodesto@gmail.com](mailto:franciellemodesto@gmail.com).

<sup>2</sup> Francisco Aquinei Timóteo Queirós – Universidade Federal do Acre (UFAC) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas – Rio Branco, Acre – Brasil – CEP: 69.920-900 – Email: [aquinei@gmail.com](mailto:aquinei@gmail.com).



**Keywords:** Amazon, Orientalism; representations; imaginary.

O objetivo do trabalho é pontuar questões relevantes sobre a construção do imaginário e das representações da Amazônia brasileira, especificamente, no que se refere ao Acre. Constata-se em muitas narrativas literárias, históricas e nos meios de comunicação a limitação de se pensar a Amazônia unicamente a partir de uma figura essencializada, como as imagens dos indígenas ou dos seringueiros, por exemplo. O equívoco se encontra, uma vez que a construção desses atores sociais se vislumbra na relação com o ‘outro’ contrastante e não de forma isolada.

A Amazônia é uma construção discursiva e sua representatividade é constituída a partir de um imaginário. Nesse sentido, a região está eivada de lugares-comuns, relatos e ficções, que validam seu *topos* geográfico como espaço de homogeneização. Ainda de acordo com o pesquisador, isso acontece nos locais onde a “história ainda não conseguiu fixar marcas simbolicamente eficazes, os cenários são descritos como de geografias selvagens, natureza bruta, populações errantes e dispersas” (HARDMAN, 2001, p. 297).

Esses aspectos podem ser percebidos a partir da conformação discursiva presente desde os viajantes conquistadores – que por meio de suas crônicas apresentam um discurso fantasioso e transpõem para a região amazônica todo um imaginário europeu – e também pelos viajantes cientistas, que trazem o discurso da modernidade e instauram a dicotomia civilização *versus* barbárie.

No caso dos escritores-viajantes, eles encontraram na natureza o repositório para suas demandas imaginárias. Neste artigo, aponta-se a relação do homem com a natureza amazônica como um dos aspectos influenciadores para que ele seja interpretado pelos estrangeiros como não civilizado e pitoresco.

Os conceitos sobre a Amazônia são categorizados e estruturados a partir do olhar da narrativa e da temporalidade do colonizador. Ressalta-se que os europeus foram os



primeiros viajantes a chegarem à região e que grande parte das impressões mantidas até o tempo presente são provenientes dos cronistas de viagens.

Essas narrativas revestidas de um imaginário, de uma representação conferem à Amazônia um sentido alheio ao tempo efetivo de suas práticas sociais, ou seja, enxerga-se a região amazônica como uma categoria retórica, uma palavra abstrata que passa a ser categorizada de forma una e homogênea.

Terra distante e habitada apenas por índios, 'selva amedrontadora', 'inferno verde', 'paraíso tropical', 'Eldorado'. Várias são as nomenclaturas referentes à região, o que evidencia a visão limitadora que se tem dessa área e que o norte do Brasil é desconhecido para as demais regiões brasileiras.

Não se pode pensar a região amazônica de forma linear, suprimindo-se os tempos diferenciados da floresta e o da cidade, bem como da gente que ali vive. Durante muito tempo, a história tradicional acompanhada do realismo naturalista tentou 'apagar' as diferenças de espaço de convivência, perdendo-se parte importante dos processos que compõem a formação social, política, econômica da Amazônia.

Constata-se, aqui, a busca de se estabelecer um novo recorte epistemológico, uma reconfiguração sob o imaginário referente à Amazônia brasileira. Não se almeja apagar o campo de observação ou suprimir o já existente sobre essa temática, mas promover novas experiências sobre o narrado e o vivido na região.

A ideia é caminhar contra a corrente que vê a Amazônia como terra homogênea, sem perder de vista suas diferentes formas de vida, a pluralidade de seus habitantes que se constituem como sujeitos históricos, a partir de suas diversidades. Para tanto, faz-se a análise, no presente artigo, de trechos de matérias jornalísticas publicadas na imprensa acreana, com o objetivo de identificar o imaginário sustentado aos longos dos tempos.

### **Sob o vértice do orientalismo**



O discurso a respeito da Amazônia, somado ao seu processo de ‘invenção’, é considerado como um recurso de dominação. Esta relação de dominância é semelhante à estabelecida entre Ocidente e Oriente, como bem enfatizou Edward Said em seu *Orientalismo*. “A relação entre o Ocidente e o Oriente é uma relação de poder de dominação, de graus variados de uma complexa hegemonia” (SAID, 1990, p. 17).

O que não era observado nem documentado pela Europa permanecia perdido até que fosse ‘descoberto’ pelos europeus. O mesmo se aplica a região amazônica constantemente fetichizada por não estar no centro dos interesses do Brasil. Se observarmos a Amazônia sob o vértice do conceito de orientalismo, será possível perceber que cabe à região palavras como atraso, degeneração, passividade. Termos estes também atribuídos ao oriente pelo ocidente.

A obra de Said questiona as relações oriente/ocidente e, sobretudo, pede um novo olhar para o oriente sem os antolhos da hostilidade ou da condescendência. Assim sendo, aspectos semelhantes também devem ser pedidos quando se fala a respeito da região amazônica.

O *Orientalismo*, de Said, está preocupado essencialmente com representações do chamado ‘outro’, e na construção das imagens do Oriente no Ocidente. Muitas vezes, estudos sobre histórias de viagens focalizam as maneiras estereotipadas pela qual uma cultura é percebida.

A ideia em *Orientalismo* é romper com as feições que a tradição ocidental deu ao Oriente, tradições que são deformadas pelo medo, o preconceito e o sentimento de superioridade. Para o autor, o ideal seria não reforçar essas imagens e conceitos de que o(s) outro(s) são seres distantes e inferiores.

O mesmo sentimento de superioridade é percebido nos relatos que os ‘outros’ têm da Amazônia. Para exemplificar a estranheza e o desconhecimento com o qual a região é percebida pelos estrangeiros, segue uma passagem do livro de Cristina Scheibe em que a pesquisadora comenta suas impressões a respeito de sua viagem ao extremo



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

norte do Brasil: “Foi uma viagem no espaço e no tempo. Saí do Sul do Brasil, para um mundo completamente distante e estranho, muito fora dos padrões de nossa sociedade globalizada, urbanizada e higienizada” (SCHEIBE, 1999, p. 10).

O mundo completamente distante, estranho, fora dos padrões globalizados, urbanizados e higienizados, ao qual a autora se refere, é o Acre. Esse tipo de opinião a respeito dos estados da Amazônia (Acre, Amazonas, Roraima, Pará, Rondônia, Amapá, Tocantins) aparece frequentemente tanto em meios de comunicação quanto em pesquisas acadêmicas como a citada, mas não pode mais ser aceito sem questionamentos. Por isso, cabe ao jornalismo, à história, à literatura e demais áreas de conhecimento narrar múltiplos olhares a respeito desta região e de seu povo para que essa visão esfumada seja, de certo modo, suprimida.

Quando analisamos as palavras de Said (1990) a respeito da visão europeia sobre o oriente, é possível enxergar que a mesma visão acompanha a Amazônia desde a chegada dos primeiros viajantes. O autor diz que o oriente era uma invenção europeia, e desde a Antiguidade era “um lugar de romance, de seres exóticos, de memórias e paisagens obsessivas, de experiências notáveis” (SAID, 1990, p. 13). Pensamento semelhante existe sobre a região amazônica. A Amazônia é, portanto, o ‘oriente’ brasileiro, o desconhecido.

Séculos depois do período de colonização, a Amazônia continua sendo percebida historicamente como área turbulenta, instável e imprevisível, repleta de fantasmas, doenças, misturas, violentas justaposições e “desconhecida pela imensa maioria dos brasileiros”. Pelo menos é o que afirma Milton Hatoum no prefácio do livro *Amazônia de Euclides: viagem de volta a um paraíso perdido*, escrito pelo jornalista Daniel Piza.

A propósito, Piza (2010, p. 49) inicia seus relatos pelos rios amazônicos afirmando obviedades: “a Amazônia não perdeu o poder de surpreender por seu porte, clima e complexidade” (PIZA, 2010, p. 49). O projeto do jornalista era refazer o



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

percurso de Euclides na Amazônia, realizado no início do século XX, para demarcar fronteiras entre Peru e Brasil.

Ao concretizar o seu objetivo de viajar pelos rios amazônicos, suas conclusões são as mesmas do escritor canônico. O autor concorda com Cunha sobre a paisagem monótona e as oscilações entre fascínio e desespero da viagem, afirma que “não há morador da região que não tenha história pessoal para contar sobre onças e cobras” (PIZA, 2010, p. 54) e reitera que o homem do sul se sente deslocado e exilado no norte do país.

O jornalista também se equivocou ao fazer afirmações sobre doenças desenvolvidas na região. Por exemplo, ele afirma que a malária foi erradicada no Acre. Segundo o autor, o padre Paolino Baltassari<sup>3</sup> sai pelos rios em Sena Madureira “ensinando a evitar dengue e outros males que surgiram mesmo com a erradicação da malária há catorze anos” (PIZA, 2010, p. 68). Apesar da diminuição, a doença ainda faz parte da realidade do acreano:

Nos últimos anos, o Acre vem conseguindo resultados satisfatórios nas ações de controle e combate à malária, fruto do trabalho conjunto dos governo federal, estadual, municipal e comunidade. Entre os anos de 2006 e 2007 houve 48% de redução. De 2007 para 2008, 47%. De 2010 para 2011 o número de casos foi 37,9% menor. E se compararmos os anos de 2006 (quando houve o surto de malária) com 2011, a redução dos casos da doença no Acre é de 75,6% (CAMPOS, 2012, Agência de Notícias do Acre).

Piza não é o único que interpreta limitadamente à região amazônica. Muitos outros viajantes, pesquisadores, jornalistas e intelectuais percebem o local apenas com restrições e estranhezas. Os discursos repletos de clichês, exaltados e/ou preconceituosos podem ser observados também no caso do escritor e jornalista Joe

---

<sup>3</sup> Personagem importante na história do Acre. O padre chegou ao estado, vindo da Itália, em 1950 e, desde então, se destaca pelos serviços prestados aos moradores do rio Purus. Padre Paolino costuma fazer casamento, batizados, partos e atendimentos médicos, em que receita ervas da floresta. Também é respeitado por fazer parte de movimentos de preservação da floresta, dos indígenas e dos seringueiros.



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Jackson, na obra *O ladrão do Fim do Mundo*, que fez uma visita ao norte do Brasil em 2005.

É extremamente fácil se perder para sempre em tais terras, no entanto não se pode negar o fascínio da floresta tropical. Talvez seja a percepção de que, de um segundo para outro, a vida pode mudar de uma beleza espetacular ao doce suspiro da morte e da decomposição. Um exército de pragas bíblicas jaz à espera dos incautos: a disenteria amebiana e bacilar, a febre amarela e a dengue, a malária, a cólera, a febre tifoide, a hepatite e a tuberculose. Há locais na Amazônia que sofrem com a praga dos morcegos-vampiros, onde famílias inteiras contraem a raiva (JACKSON, 2011, p. 21).

Na citação anterior, o autor expõe os medos de andar pela floresta e de perder a vida ao contrair alguma doença fatal – medo semelhante teve Euclides prestes a embarcar para a Amazônia em 1903. O escritor imaginou que contrairia malária, beribéri ou elefantíase.

Assim como o autor de *Os Sertões*, Jackson trabalha em seu texto com a dicotomia céu e inferno quando afirma que a vida pode mudar rapidamente de uma beleza espetacular para a morte e a decomposição. Nota-se, então, o quanto as concepções construídas a respeito da Amazônia ainda estão enraizadas no pensamento do outro/estrangeiro, que mesmo *in loco* não consegue desconstruir algumas imagens pré-concebidas.

Menos hiperbólica, porém bastante assustada, a pesquisadora Daniela Marchese (2005, p. 65-66) também relata em sua pesquisa desenvolvida no seringal Cachoeira, no município de Xapuri, em 1997, o medo que sentiu ao caminhar pela mata fechada na Amazônia.

Ele [um acreano que servia de guia para pesquisadora] se afastou, como já havia feito outras vezes, para fazer as suas necessidades fisiológicas (...)  
O tempo de espera aumentou ao ponto de me fazer olhar em volta com olhos de quem procura entender a direção a tomar para sair. Tentei recordar-me por onde tínhamos acabado de chegar porque, eventualmente, deveria prosseguir mantendo aquela direção. Me limitei, porém, a dar uma volta em torno de mim mesma sem conseguir reconhecer nada. Fui invadida por uma sensação de insegurança: levantei o olhar para a copa da castanheira, alta mais de



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

quarenta metros, recordando as palavras de alguns entrevistados que me diziam como sob aquela planta se corria o risco de ser atingido ou morto pela queda do ouriço (MARCHESE, 2005, p. 65-66).

A partir desses relatos, compreende-se o quanto as definições de Said (1990) sobre o oriente se aplicam à Amazônia. Fica visível o quanto uma cultura, que se considera dominante, se usurpa da outra para desfigurá-la. Ou, ainda, como o imaginário e o desconhecimento dos ‘estrangeiros’ são aplicados à região norte do Brasil.

‘A demonização do outro desconhecido’, para fazer uso das palavras de Said (2003), geram falsos conceitos de unidade, impõem identidades coletivas e características homogeneizadoras para um grande número de indivíduos bastante diversos. O autor refere seu pensamento ao oriente, mas a mesma ideia pode ser aplicada à Amazônia brasileira.

No caso do *Orientalismo*, sabe-se que ele é visto como a maneira de os ocidentais pensarem e estudarem o oriente, como um conjunto de categorias e valores baseados nas necessidades políticas e sociais do Ocidente em detrimento das realidades concretas do oriente.

Fatos assim ajudam a entender a visão escurecida, subalterna que o ‘outro’ constrói da vida no meio da Amazônia brasileira e o quanto é difícil romper com essas impressões sobre o medo, a grandiosidade e o mistério da floresta, sobretudo, quando os próprios moradores e os veículos de comunicação da região já absorveram essas ideias e ajudam a mantê-las frente aos estrangeiros.

### **Realidades e fantasias amazônicas**

Uma das dificuldades de romper com o imaginário e os conceitos pré-estabelecidos é o fato de que os próprios moradores da região amazônica se



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

‘amazonizam’, ou seja, se tornam aquilo que os outros pensam que eles são. Eles passam a viver as dicotomias e os atrasos que são atribuídos à região, acrescentando esses elementos as suas constituições identitárias.

A Amazônia é uma área cujo traço mais geral foi construído pelo pensamento externo aos que nela vivem. A região tem sido pensada, ao longo dos séculos, através de imagens construídas pelos europeus, sobre o que eles entendem a respeito da região. Por isso, o conceito de Amazônia é resultado de uma construção discursiva, como assim afirma Ana Pizarro: “Esta região do imaginário é a história dos discursos que a foram erigindo, em diferentes momentos históricos, dos quais recebemos apenas uma versão parcial, a do dominador” (PIZARRO, 2012, p. 33).

A Amazônia e a imagem que maneamos dela estão relacionadas com a construção desses discursos e, principalmente, com a forma como eles expressam a relação do homem com a natureza. Ressalta-se, ao debater a região amazônica, a constante dualidade paraíso/inferno construída, principalmente, devido à presença da selva na vida dos moradores da região.

Como exemplificação, tem-se o texto intitulado *Isolado em reserva no AC diz não trocar paraíso pelo inferno da cidade*, publicado em 14 de fevereiro de 2014, no G1/AC. A partir da leitura do título e do *lead* (primeiro parágrafo), percebe-se que ainda se vive na Amazônia sob a égide da dicotomia inferno/paraíso.

‘Deus me defenda! Como é que eu vou trocar o paraíso pelo inferno?’, diz, quase ofendido, o seringueiro Francisco Lima, de 65 anos, ao ser indagado sobre a possibilidade de viver na ‘cidade grande’. O ‘paraíso’ a que se refere seu Chiquinho Gabarito, como é conhecido na comunidade onde vive, fica no interior do Acre, às margens do igarapé Santo Antônio, afluente do rio Caeté, na Reserva Extrativista Cazumbá-Iracema, no município de Sena Madureira (AC), distante 136 km de Rio Branco (NATANI, 2014, G1/AC).

Notícias como a citada anteriormente mantém a região amazônica rodeada pelo encantamento da floresta, uma espécie de magia que sustenta os moradores das



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

comunidades tradicionais, reservas extrativistas, entre outras, afastados das cidades. A definição de Pizarro (2012, p. 177), que diz ser a selva um centro mítico de construção do imaginário, ajuda-nos a compreender o porquê do jornalista, por vezes, optar por esse enquadramento da notícia.

Nesse universo ‘encantado’, existem ainda figuras ligadas à água ou à selva, que se recriam e se transformam permanentemente no imaginário popular, são elas que explicam e dão sentido a sua relação com a natureza e com os demais seres humanos. Exemplos como esses podem ser observados nos relatos publicados em uma revista de circulação regional chamada *Amazônia S/A*.

A fala a seguir é sobre uma viagem feita pela equipe de reportagem ao Parque Nacional da Serra do Divisor, localizado entre as bacias hidrográficas do Vale do Médio Rio Ucayali no Peru e do Alto Juruá no Brasil. Apesar de acreana, a jornalista faz observações repletas de espantos e exageros. O relato é de 2011 e ressalta uma paisagem repleta de animais, que lembram as crônicas do europeu Gaspar de Carvajal, escritas no século XVI:

Os dias quase sempre quentes e com sol garantem uma viagem tranquila. A lentidão da embarcação possibilita uma observação de detalhes inesperados como macacos barulhentos fazendo seu habitual arvorismo, pássaros variados e nem sempre de fácil identificação, passagem de sucuris pelas margens e a presença marcante dos piuns (MIRANDA, 2011, p. 32).

Essa fusão entre realidade e fantasia atormenta tanto os estrangeiros quanto os autóctones. Chega a ser surpreendente a simplicidade com a qual a repórter trata o fato de encontrar uma sucuri no meio do caminho. O relato deixa transparecer bastante normalidade na relação entre os moradores, a fauna e a flora amazônica. É como se nesta região do Brasil encontrar uma sucuri fosse absolutamente comum e parte do cotidiano de todos os moradores, sem exceção.



## Mitos e lendas

Outros aspectos povoam o imaginário local, é o caso dos mitos e das lendas. Por exemplo, o boto é um ser mitológico que ocupa espaço nas culturas amazônicas mesmo no século XXI. De acordo com as narrativas populares, ele seduz as jovens para engravidá-las e tem o poder de encantar homens, mulheres e crianças. Mesmo com o passar dos séculos, o imaginário permanece impregnado à população amazônida. Ou seja, ainda é possível encontrar pessoas que afirmam ter sido ‘encantadas’ pelo animal.

Na passagem a seguir, extraída de um site de notícias acreano, um morador do vale do Juruá diz que começou a passar mal, logo após ter dado um tiro em um boto. O episódio aconteceu enquanto ele pescava na companhia de um primo.

Depois de atirar num boto que estava perturbando sua pescaria Valdecir da Costa Souza, 20 anos, passou a apresentar perturbações psicológicas e afirma que os animais estão o atraindo. Além de ouvir vozes ele vê um homem sentado numa pedra no rio tentando levá-lo para a água e o problema está preocupando os familiares (VOZ DO NORTE, 2013).

A família do rapaz teme o animal desde que o avô dele sumiu nas águas do rio Juruá, supostamente encantado. Depois disso, o pai, José Alberto de Souza, e o próprio filho, Valdecir da Costa Souza, também ‘sofreram ataques’ e começaram a ver a imagem de um homem em cima de uma pedra, que afirma que eles serão levados pelo boto.

O pai pescador, José Alberto de Souza, 62, conta que também já foi vítima de um boto, quando estava com amigos madeireiros nas margens de um igarapé na fronteira com o Peru. Eles jogavam baralho quando sentiu (sic) algo estranho no corpo e via um homem sobre uma pedra no igarapé que tentava levá-lo para a água.

José Alberto afirma que tudo começou depois que seu pai desapareceu nas águas do Rio Juruá, encantado por um boto. “Meu [pai] estava numa canoa que naufragou e vários botos começaram a boiar no local, ele nunca foi encontrado. Depois ele apareceu para minha esposa dizendo que estava em um boto e que eu precisava desencantá-lo. Ela me disse antes mesmo dele



**Revista Igarapé**  
**Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade**

aparecer três vezes, depois disso nunca mais voltou”, ressaltou (VOZ DO NORTE, 2013).

A partir deste relato, vê-se o quanto as representações e os imaginários atravessam os sujeitos sociais, emoldurando os seus modos de construção de vida e marcando traços de sua identidade. Mesmo com o decorrer do tempo, os habitantes da floresta acreditam que ainda podem ser ameaçados pelos mitos e lendas construídos ao longo da história. As histórias relatadas no passado continuam sendo vivenciadas no presente pelos moradores da Amazônia, a população segue se ‘amazonizando’.

Mais um exemplo de imaginário mítico é a lenda das amazonas, narrativa trazida da Europa. Elas estão incorporadas às figuras básicas do imaginário devido aos relatos do frei Gaspar de Carvajal. Na verdade, segundo Pizarro (2012, p.73), o cronista dominicano projeta a cidade medieval, o único sistema social que ele conhecia, para Amazônia. Dessa forma, ele constrói a imagem de mulheres medievais habitando um lugar paradisíaco repleto de riquezas naturais.

Essas mulheres são descritas como fortes, aterrorizantes, dominadoras e erotizadas. A forma como o perfil delas é composto está relacionada não só com o conhecimento que o cronista já tinha sobre a lenda existente em outras regiões, mas também com a carência sexual vivida pelos viajantes.

A expedição era longa e, geralmente, não havia mulheres. Sendo assim, a constituição do imaginário a respeito das amazonas está intimamente ligada com as carências e necessidades físicas dos cronistas que chegavam a passar anos em expedição em meio à floresta.

Além do boto e das Amazonas, pode-se citar também o curupira, figura lendária que habita a floresta para protegê-la. Segundo Pizarro (2012, p. 69), o popular personagem do curupira recebe denominações diferentes e apresenta grande vitalidade no imaginário popular atual. Ele é descrito ora como uma criatura com os pés ao contrário e, em outro momento, aparece apenas com o pé defeituoso. Há indícios na



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Europa de que lá havia uma criatura semelhante a esta. A pesquisadora afirma ainda que um personagem parecido ao Curupira está documentado no texto do cronista Acunã.

Assim como Pizarro, Marcos Frederico Krüger (2011, p. 198) também acredita que o curupira é mito originário de outra região que não a Amazônia. Para o pesquisador, “pode-se admitir que a transposição do curupira à Amazônia ocorreu pela ação dos missionários, de vez que não encontramos registro dele em livros confiáveis da mitologia regional” (KRÜGER, 2011, p. 198).

Existe uma construção de imaginários destes povos que são da cultura essencialmente oral. Nestas construções, a história, os temores e as expectativas das comunidades vão se juntando, num imaginário que incorpora as vidas individuais ao destino do povo.

O universo mítico amazônico tem se confrontado com a modernização promovida por diferentes instituições e em diferentes momentos. Porém, esses ‘seres encantados’ seguem ocupando um lugar de destaque na vida das comunidades amazônicas.

Em outro trecho da Revista *Amazônia S.A.*, de Junho/Julho de 2011, ainda sobre o Parque Nacional da Serra do Divisor, destaca-se, novamente, a manutenção do imaginário social e a absorção que o morador tem da visão do estrangeiro. Mais uma vez, um veículo de comunicação regional reproduz conceitos e contribui para sustentação de estereótipos a respeito da região amazônica:

Uma característica interessante das trilhas é a presença de pedras, em vários tamanhos. Ornando perfeitamente o lugar. Elas também servem de possíveis armadilhas para os desatentos. Medo? (Quase) Não se tem. Os guias conhecem milimetricamente o lugar, mas se divertem contando histórias de onça, sucuri, mãe da mata e mapinguari. E os viajantes sabem que é melhor nem pensar em lendas florestais (MIRANDA, 2001, p. 34).



A jornalista relata que os guias da região contam histórias de onça, sucuri e lendas da floresta, (re)criando, dessa forma, representações sobre a região. Assim, permanece a dicotomia paraíso-inferno, além dos conceitos de exotismo, diferença e falta de civilidade, que tanto contribui para a construção de lacunas e incompletudes sobre a Amazônia Sul Ocidental.

### **Imaginário e representações**

O imaginário está inserido em um campo de representação e, como expressão de pensamento, se manifesta por imagens e discursos que pretendem dar uma definição da realidade. Mas essas imagens e discursos sobre o real não são exatamente o real ou, em outras palavras, não são expressões literais da realidade, como um fiel espelho. Porém, precisam ser resgatadas.

De acordo com Sandra Pesavento (1995, p. 24), o imaginário é sistema produtor de ideias e imagens. A autora diz ainda que o imaginário é sempre um sistema de representações sobre o mundo, que se coloca no lugar da realidade, sem com ela se confundir, mas tendo nela o seu referente.

O imaginário é, pois, representação, evocação, simulação, sentido e significado, jogo de espelho onde o 'verdadeiro' e o aparente se mesclam, estranha composição onde a metade visível evoca qualquer coisa de ausente e difícil de perceber. Persegui-lo como objeto de estudo é desvendar um segredo, é buscar um significado oculto, encontrar a chave para desfazer a reprodução do ser e parecer (PESAVENTO, 1995, p. 24).

No livro *Olhos de Madeira* (2001, p. 85), Carlo Ginzburg traz um ensaio sobre a origem da palavra representação. A origem do termo remonta ao século XIII, chamando-se *représentation* aos manequins de cera exibidos junto ao cadáver dos reis franceses e ingleses durante as cerimônias funerárias. Enquanto o soberano era velado, a presença do manequim era um testemunho à transcendência do rei e a sua presença



futura do mundo dos mortos. O manequim tinha a função de lembrar aos presentes que o rei havia assumido outra forma e nessa nova forma, o rei continuaria presente para seus súditos.

Assim, desde sua origem a palavra representação está associada a uma forma abstrata de descrição do mundo. O uso do manequim como representação do soberano morto é apenas um exemplo do problema mais geral da construção de abstrações que descrevem o mundo. Por outro lado, “a representação faz as vezes da realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença” (GINZBURG, 2001, p. 85).

A representação envolve uma relação ambígua entre a ‘ausência’ e a ‘presença’. No caso, a representação é a presentificação de um ausente. Um dos sentidos de representar é falar em nome do outro, colocar-se no lugar de outro distante no espaço e no tempo, estabelecendo relações. As representações do mundo social não se medem por critérios de veracidade ou autenticidade, mas sim pela capacidade de mobilização e credibilidade.

Nesse contexto, a tarefa do historiador, do literato e do jornalista, bem como dos demais narradores e/ou formadores de opinião, é construir uma representação a partir das que já estão feitas. Dessa forma, as narrativas têm a tarefa de repensar o passado, oferecendo uma nova leitura. A partir disso, o critério da veracidade pode ser substituído pelo da verossimilhança.

Porém, os escritores não podem se pautar apenas pelo exagero descritivista de paisagens naturais, pois, dessa forma, somente reafirmam conceitos e valores, por vezes, estereotipados e/ou hiperbólicos a respeito da região. Quando sem exageros e a sua medida, as narrações sobre a relação sujeito-natureza podem significar uma tentativa de aproximação da realidade amazônica com o leitor ‘estrangeiro’. Seria uma forma de fazer com que houvesse um reconhecimento da realidade desconhecida do leitor com as situações vividas nesta localidade.



Apesar disso, reconhece-se, que os discursos não nascem no vazio, eles trabalham com informações já existentes, dando-lhes novos contornos e sentidos. Em decorrência disso, a influência dos primeiros viajantes e dos cronistas estará sempre presente de alguma forma na imaginação literária, histórica e até mesmo jornalística daquele que se lança na pesquisa e, por consequência, nos escritos amazônicos.

As várias vozes que discorrem sobre a Amazônia, ao longo dos tempos, ajudaram na composição desse cenário híbrido e multifacetado. Por intermédio desses discursos e imagens conflitantes, elaborados tanto por viajantes quanto por autóctones, formou-se um constructo cultural da região.

### **Considerações Finais**

Durante muito tempo prevaleceu nos discursos, principalmente, históricos e literários um constante apagamento e/ou estranhamento das populações amazônicas e um enfoque restrito aos aspectos ecológicos da região. E sabe-se que a manutenção deste estereótipo impede a visibilidade e a compreensão das trocas culturais existentes nesta localidade. Por isso, a necessidade de reconstruir e reinterpretar narrativas e representações corrigindo o apagamento dos povos, aprendendo a ver a diferença como valor e a olhar para os aspectos culturais da Amazônia brasileira.

Um dos objetivos, neste trabalho, foi mostrar que a Amazônia precisa se distanciar dos processos de homogeneização, dos estereótipos, do conceito de exotismo (diferente) e da dicotomia limitadora inferno verde/paraíso tropical. A ideia é pensar essa porção de terra e sua gente como produtora de cultura, de linguagem, de pensamento. Quem estuda a Amazônia precisa perceber que ela não é só terra distante, desconhecida e inspiração para criação de lendas, contos e romances, mas é, sobretudo, espaço de homens e mulheres trabalhadores, de pluralidades culturais, de formas de resistência, de relações de poder, hibridizações e multiplicidades.



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

Contrariando a opinião de muitos pesquisadores da região amazônica, o convívio com a natureza não faz do morador da região alguém não civilizado e inferior. Em outras palavras, os hábitos em consonância com a natureza do morador da floresta amazônica é, obviamente, diferente dos hábitos dos moradores dos centros urbanizados, contudo isso não pode situar essa gente à margem dos direitos e deveres sociais. Portanto, na concepção do autóctone, a interação homem/natureza deve ser tranquila e harmonizada, e não de constrangimento e repressão.

O presente estudo permite ainda a compreensão de que a vida na Amazônia, cercada pela floresta, não é mais ou menos difícil do que a vida em qualquer outra localidade. Os desafios enfrentados e a capacidade de superação são intrínsecos à existência humana, fazem parte do mover social. Por isso, precisam ser identificados também na região amazônica.

Entende-se até o momento, que o discurso tradicional que afirma ser a Amazônia uma região onde impera o atraso, a degeneração e a passividade constrói a noção de que esta terra sempre precisará ser dominada por estrangeiros, pois os autóctones não estão aptos a fazer avanços e progredir sem a intervenção dos 'de fora'.

Por fim, espera-se que este outro modo de pensar a Amazônia e suas problematizações, ouvir as vozes dos sujeitos e observar a construção do imaginário social tenha somado e lançado luzes novas para o debate sobre a região amazônica brasileira, que não pode, em hipótese alguma, ser vista apenas como habitat de macacos, pássaros e sucuris.

### Referências Bibliográficas

CAMPOS, Tatyana. **Acre avança no controle de malária**. Disponível em: <http://www.agencia.ac.gov.br/index.php/noticias/especiais/18795-acre-avanca-no-controle-da-malaria-.html>. Acessado em: 10 de abril de 2013.

GINZBURG, Carlo. **Olhos de madeira**: nove reflexões sobre a distância. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

HARDMAN, Francisco Foot. Antigos Modernistas. In: **A Brasilidade Modernista**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

JACKSON, Joe. **O ladrão no fim do mundo**: como um inglês roubou 70 mil sementes de seringueira e acabou com o monopólio do Brasil sobre a borracha. Tradução: Saulo Adriano. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

KRÜGER, Marcos Frederico. **Amazônia**: mito e literatura. Manaus: editora Valer, 2011.

MARCHESE, Daniela. **Eu entro pela perna direita**: espaço, representação e identidade do seringueiro no Acre. Rio Branco: Edufac, 2005.

MIRANDA, Mirla. Parque Nacional da Serra do Divisor. In: **Revista Amazônia S/A**. Rio Branco, nº1, ano 1, p. 31-34, junho-julho, 2011.

NATANI, Rayssa. **Isolado em reserva no AC diz não trocar paraíso pelo inferno da cidade**. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/ac/acre/noticia/2014/02/isolado-em-reserva-no-ac-diz-nao-trocar-paraíso-pelo-inferno-da-cidade.html>. Acessado em: 17 de Fevereiro de 2014.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Em busca de outra história**: imaginando o imaginário. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.15, nº 29, 1995.

**Pescador que atirou em boto diz que quase foi encantado e fica perturbado**. 2013 Disponível em: <http://www.vozdonorte.com.br/jornal/index.php/homepage/ultimas-noticias/1427-pescador-que-atirou-em-boto-diz-que-quase-foi-encantado-e-fica-perturbado>. Acessado em 24 de maio de 2013.

PIZA, Daniel. **Amazônia de Euclides**: viagem de volta a um paraíso perdido. São Paulo: Leya, 2010.

PIZARRO, Ana. **Amazônia**: as vozes do rio. Tradução Rômulo Monte Alto. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.

SAID, Edward W. **Orientalismo**. Tradução Tomás Rosa Bueno. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

\_\_\_\_\_. *Os 25 anos de Orientalismo*: uma janela para o mundo. 2003. Disponível em: <http://static.publico.pt/docs/internacional/orientalismo/index.htm>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2014.



Revista Igarapé  
Literatura, Educação e Cultura: Caminhos da Alteridade

SCHEIBE, Cristina. **Mulheres da Floresta**: uma história, Alto Juruá, Acre (1890-1945). São Paulo: Hucitec, 1999.